

MAIS UMA CRISE

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

O rumoroso episódio das "excedentes" do Instituto de Educação da Capital da República serve para ilustrar, em cores vivas nem sempre bonitas, a situação em que se acha o problema do ensino em nossa terra. Trata-se do concurso de seleção para a admissão ao curso ginasial do Instituto de Educação ao qual, neste ano, compareceram 2870 candidatas, para o preenchimento de 70 vagas. Dirá o leitor, como já disse aqui um vereador, que é irrisório esse número de vagas. Acontece porém que o Instituto já está superlotado, que o ideal, em vão procurado pelo esforçadíssimo diretor Mário de Brito, seria fechar as matrículas do ginasial para dar maior amplitude ao ensino específico desse instituto, que é o Normal. Mas também acontece que há uma lei federal determinando que os institutos de educação tenham curso ginasial. E assim, espremido entre a parede de uma lei e as paredes do edifício, que não são de borraça, o diretor procura limitar o número de matrículas no curso ginasial para defender os interesses do curso normal que está gravemente prejudicado nos seus pontos mais vitais, como por exemplo, na "prática de ensino" que neste ano não tem chão para andar. Em anos anteriores já foram transformadas instalações sanitárias em salas de aula...

Estando as coisas neste pé, estabeleceram-se para a prova de seleção as condições conhecidas e aceitas por todos os pais das meninas aspirantes à matrícula. Farseiam três provas, e por um processo de eliminação progressiva seriam escolhidas apenas 70 no fim da terceira prova. Os pais, como nos anos anteriores, assinaram um compromisso de aceitação das condições do concurso, e agora, logo após a publicação dos resultados, mandam as filhas para as galerias da Câmara Municipal e tomam advogados.

No ano passado, a propósito de caso semelhante, foi impetrado um

mandado de segurança, e o relator do acórdão da Sexta Câmara Civil do Tribunal de Justiça do Distrito Federal, o desembargador Osny Duarte Pereira, conhecido admirador da cortina de ferro e de outras curiosidades turísticas da União Soviética, proclamou (não sei se o verbo próprio será este) o não-valor jurídico de tal declaração ou compromisso assinado pelos pais das meninas.

O fato é que durante as provas foram selecionadas na primeira etapa somente 849 das 2870 que se apresentaram; no fim da segunda prova de seleção ficaram somente 254 a disputar a prova final para a conquista de 70 vagas. No fim da terceira prova foram selecionadas 72, porque no 70.o lugar, estavam empatadas três concorrentes, e de acordo com as instruções do concurso deveriam todas ser matriculadas. Agora, as 182 eliminadas na terceira prova se dão a si mesmas o título de "excedentes" e reclamam ingresso. E a Câmara Municipal, com uma indecente solicitude, aprova o projeto de um vereador socialista que manda matricular aquelas alunas não classificadas.

Para boa apreciação do que está acontecendo nos meios educacionais da Capital da República convém levar aos leitores distantes de alguns fatos melancolicamente expressivos. A Câmara Municipal foi informada cuidadosamente de tudo pelo operoso e digno diretor do Instituto, o sr. Mário de Brito. Foi informada da decisão unânime da Congregação do Instituto dando apoio integral ao Diretor. Foi ainda informada de que o Conselho Técnico do Instituto fora ouvido pelo Diretor e pela Congregação de 51 professores catedráticos. Além disso cumpre notar — detalhe muito sugestivo! — que os vereadores que são professores votaram quase todos contra o projeto que pretendia arrombar as portas do Instituto. Pois bem, tendo contra si

o Diretor, a Congressão da escola, o Conselho Técnico e o parecer dos professores companheiros de vereança, a Câmara Municipal, numa sessão tumultuosa, aos pontapés e bofêtos, aprovou o projeto.

No momento o assunto está pendendo da decisão do prefeito que pode vetar o indecente projeto. Enquanto esperamos a solução, preparados para o que vier de pior, meditemos, e perguntemos aos nossos botões de que vale num estabelecimento de ensino ter Diretoria, Congregação e órgãos de Conselho Técnico, se a casa de educação continua permeável, para as mais vitais decisões, às linhas de força da envoltória estatal. Hoje é algum vereador ou será o próprio Prefeito que tem parenta entre as candidatas; anos atrás foi a neta de um general ou marechal que determinou o arrombamento. A mim me parece que um Instituto assim instalado não pode funcionar bem a não ser por milagre, porque não pode produzir boas professoras e não pode aguentar um diretor digno e decente, como o atual que já tornou pública a sua decisão de entregar o cargo nas mãos do Prefeito se o projeto for aprovado. O regime educacional que venho sonhando, já que parece sonho o que deveria parecer claro como água, tem sido interpretado como um desejo de prestigiar as iniciativas econômicas de ensino privado, e até tem sido denunciado pelos correligionários do desembargador Osny Duarte como apoio aos tubarões do ensino ou como torva manobra medievalista. A liberdade de ensino que reivindico, e que deveria ser estimada pelos que seguem o que há de melhor nas tradições liberais, se houvesse tempo para nos entendermos melhor uns aos outros, visa inclusive a libertação dos institutos mantidos pelos governos.

Seria talvez melhor dizer "destotalitarização" do ensino em vez de dizer liberdade. O que não é admissível é que se mantenha ou se defenda um regime que torna impossível a manutenção de um diretor digno e decente num estabelecimento como o Instituto de Educação da Capital. O professor Mário de Brito, a meu ver, está sofrendo um pouco as consequências de uma estrutura burocrática e totalitária do ensino que ele mesmo, mais de uma vez, tem prestigiado. Está preso, sufocado, aprisionado, espremido, e não pode oferecer às meninas do Distrito Federal toda a dedicação de seu coração e de seu caráter. Agora mesmo, enquanto aguardamos a decisão do Prefeito, o muito digno diretor do Instituto de Educação tem sido injuriado pelos jornais, e tem sido grosseiramente insultado pelo telefone em sua residência. E a voz que lhe diz palavões incríveis tem o sexo feminino e doze ou treze anos de idade. Pergunto cu como o Gauguin daquele quadro que resume as idades e destinos: "Où allonsnous?"